

D. AMÉRICO AGUIAR

"Para o Papa Francisco e para todos nós, a família é o primeiro lugar onde se aprende a amar."

CONSTANÇA ALARCÃO TRONI | FOTOS DE RUI ANTUNES



D. AMÉRICO MANUEL ALVES AGUIAR NASCEU A 12 DE DEZEMBRO DE 1973, EM LEÇA DO BALIO. EM 1995 INGRESSOU NO SEMINÁRIO MAIOR DO PORTO E EM 2001 FOI ORDENADO PRESBÍTERO. INGRESSOU NA UNIVERSIDADE CATÓLICA, PRIMEIRO NO CURSO DE TEOLOGIA E, DEPOIS, NO MESTRADO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. FOI PRESIDENTE DA IRMANDADE DOS CLÉRIGOS ENTRE 2011 E 2020. EM 2019, FOI ORDENADO BISPO TITULAR DE DAGNO, NA IGREJA DA TRINDADE, NO PORTO E NOMEADO, PELO PAPA FRANCISCO, BISPO AUXILIAR DE LISBOA. É PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JMJ LISBOA 2023, PRESIDENTE DO CONSELHO DE GERÊNCIA DO GRUPO RENASCENÇA E CAPELÃO NACIONAL DA LIGA DOS BOMBEIROS PORTUGUESES.

É A SEGUNDA VEZ QUE ACOMPANHA UMA VISITA PAPAL A LISBOA, A PRIMEIRA FOI A DE BENTO XVI. TEMOS AGORA A HONRA DE RECEBER O PAPA FRANCISCO. O QUE ESPERA DESTA VISITA NUM ENCONTRO TÃO RELEVANTE E SIGNIFICATIVO COMO SÃO AS JORNADAS MUNDIAIS DA JUVENTUDE?

Acompanhei, de facto, a visita de Bento XVI a Portugal, em 2010. Na altura, estava na Diocese do Porto, acompanhando o então bispo do Porto, D. Manuel Clemente, agora Patriarca de Lisboa. No Porto – cidade que, na altura, o Papa fez questão de visitar – Bento XVI deixou uma mensagem especial a Portugal, apelando a que “esta gloriosa Nação” continuasse a “manifestar a grandeza de alma, profundo »

D. AMÉRICO AGUIAR

sentido de Deus, abertura solidária, pautada por princípios e valores bebidos no humanismo cristão”. Uma mensagem que continua válida e que esta JMJ Lisboa – e a presença do Papa Francisco – vem reforçar. Enquanto momento único de encontro do Papa com jovens de todo o Mundo, a Jornada é a expressão da Igreja universal, um instrumento ímpar de evangelização dos jovens e traz uma oportunidade de um novo impulso de fé para uma Igreja que o Papa Francisco quer que seja cada vez mais um exemplo do caminho da Paz, da Inclusão e da união entre todos os povos, religiões, gerações e culturas.

FALE-NOS UM POUCO DESSA MISSÃO DESAFIANTE QUE ABRAÇOU COMO COORDENADOR DA JMJ. QUAIS OS MAIORES DESAFIOS? O QUE FARÁ DESTE ENCONTRO UM MOMENTO FELIZ E PROFÍCUO PARA A IGREJA?

O desafio é gigante e a tarefa que aceitei a pedido do Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, revela ser um desafio permanente. Mas, tal como eu peço aos jovens para terem a coragem de sonhar e a força para lutar para alcançar esses sonhos, não posso deixar de fazer o mesmo. Há muito traba-

lho pela frente. Muito trabalho hoje e também muito trabalho já realizado. Estive nos bastidores, como uma espécie de agente infiltrado, na JMJ do Panamá e, em janeiro de 2019, quando o Papa fez o anúncio de que a Jornada seguinte seria em Lisboa, sabia que iriam surgir muitas dificuldades e que nos iríamos sentir pequeninos perante a gigantesca tarefa que tínhamos sobre os ombros. É uma logística inimaginável. Mas estamos a conseguir e estou certo que teremos a melhor Jornada Mundial de Juventude de sempre.

VIVEMOS UMA PANDEMIA QUE APROFUNDOU A SOLIDÃO DE ALGUMAS PESSOAS, MUITAS VEZES AS MAIS DESPROTEGIDAS, E AFASTOU DURANTE LONGOS PERÍODOS AS FAMÍLIAS, ISOLANDO OS MAIS IDOSOS. QUE LIÇÕES DEVEMOS TIRAR DESTE INESPERADO MOMENTO? FICÁMOS MAIS SOLIDÁRIOS?

A pandemia trouxe esses e, infelizmente, muitos outros problemas, agravando a pobreza, a desigualdade e a exclusão de um modo universal. Não nascemos para ser confinados e isso criou problemas gravíssimos de saúde mental – um tema indicado pelos jovens como fundamental para a JMJ 2023 e ao qual iremos dar total atenção. Mas, mes-

mo nos momentos mais duros da História, a Humanidade não deixa de sonhar e de ter esperança e fé num mundo melhor. E a JMJ é mais uma oportunidade de re-vigorar a esperança. Temos ali uma experiência viva daquilo que o Papa Francisco fala na encíclica Fratelli Tutti ser a construção de uma fraternidade humana. Não interessa o país, nem a raça, nem a cor. A idade ou a religião. A origem ou as dificuldades de cada um. Estamos todos no mesmo barco e só juntos, como disse o Papa, sairemos desta tormenta e de todas as que teremos de enfrentar ao longo das nossas vidas.

O CONCEITO SOCIOLÓGICO DE FAMÍLIA ABRAÇA VÁRIAS CONFIGURAÇÕES QUE SÃO DIFERENTES DA "FAMÍLIA DE NAZARÉ". COMO ABRAÇA A IGREJA AS FAMÍLIAS DOS DIAS DE HOJE?

A Igreja abraça a nova realidade da família, desde logo com a mensagem de inclusão que o Papa Francisco nos transmite e que tão bem expressou na Amoris Laetitia, a exortação apostólica pós-sínodo das famílias. Para o Papa Francisco e para todos nós, a família é o primeiro lugar onde se aprende a amar. E justamente por isso deve ser defendida, não deixando que seja "poluída pelos venenos do egoísmo, do individualismo, da cultura da indiferença e do descarte, perdendo assim o seu ADN que é o do acolhimento e do espírito de serviço". Acolhimento, Inclusão e Amor são palavras-chave para todos os cristãos. E a família é o lugar onde estes valores começam a ser ensinados e praticados.

PARA ALÉM DA EXORTAÇÃO DO PAPA FRANCISCO "AMORIS LAETITIA", NO DIA-A-DIA DOS FIÉIS, QUE PASTORAL PRÁTICA A IGREJA SOBRE O AMOR NA FAMÍLIA? O QUE SE FAZ DE CONCRETO?

É um trabalho constante, feito de pequeninos gestos e muito empenho, que passa por estar presente, atento e disponível. É uma tarefa de todos os membros da Igreja – bispos,

"É uma logística inimaginável. Mas estamos a conseguir e estou certo que teremos a melhor Jornada Mundial de Juventude de sempre."

sacerdotes e leigos – e de todas as dioceses, paróquias e organizações católicas. Uma tarefa que estará sempre inacabada, porque é um trabalho de formiguinha, um esforço permanente e, muitas vezes, invisível.

TEM-SE FALADO MAIS NAS DOENÇAS MENTAIS, SENTE QUE HÁ TRABALHO A FAZER NESTA MATÉRIA E QUE A IGREJA TEM UM PAPEL A DESEMPENHAR?

Este é um tema que, por iniciativa dos jovens, será integrado nas reflexões e conferências realizadas no âmbito da JMJ 2023. Nos en-

contros "Rise Up", que inovam o tradicional modelo das Catequeses habituais em outras Jornadas, este foi um assunto colocado na nossa agenda. E, porque levamos muito a sério os contributos dos jovens, estaremos totalmente disponíveis para acolher as suas conclusões e tornar a Igreja mais inclusiva, também neste campo. O alerta deixado pelos nossos jovens sobre os problemas de Saúde Mental leva-nos, também, a reconhecê-los como prioritários, assumindo desde já o compromisso de fazer reverter parte da receita obtida JMJ – nomeadamente no espaço da Cidade da Alegria – a favor de instituições que cuidem e apoiem jovens nesta situação.

O PAPA FRANCISCO, NUM ATO DE CORAGEM, TROUXE PARA CIMA DA MESA UM TEMA DE GRANDE SENSIBILIDADE E RISCO, O ABUSO DE MENORES. EM PORTUGAL, HOVE UM RELATÓRIO INÉDITO QUE LEVANTOU QUESTÕES INCÓMODAS PARA A IGREJA. COMO OLHA PARA ESTE TEMA? A IGREJA ESTÁ A FAZER O SEU CAMINHO?

A Conferência Episcopal Portuguesa teve a iniciativa de encomendar um estudo sobre a realidade dos abusos de menores praticados pela Igreja portuguesa ao longo das últimas sete décadas. Foi um gesto de coragem e de verdade, que corresponde ao apelo do Papa Francisco. Os resultados, apresentados pelos responsáveis da comissão »

independente, revelaram uma realidade terrível, que fere o mais profundo espírito da Igreja. Aqui, como em todo o mundo, os abusos praticados por membros da Igreja são uma “monstruosidade”, como bem afirmou o Papa Francisco. Mas o caminho tem de ser feito e, por muito que este drama afete – e afeta muito – cada membro da Igreja, o foco tem de continuar a ser posto nas vítimas, na sua proteção e apoio. As vítimas são a nossa principal preocupação e, desde logo, gritam para que a Igreja se torne um espaço de tolerância zero onde casos como estes nunca mais se repitam.

NA PREVENÇÃO E ATUAÇÃO NOS ABUSOS, COMO UNIFORMIZAR MAIS OS PROCEDIMENTOS E POTENCIAR A EFICIÊNCIA DO TRABALHO DAS COMISSÕES DIOCESANAS?

Esse é um dos desafios a que a Conferência Episcopal e toda a Igreja tem de responder. E está a fazer o caminho, aprendendo e recorrendo a entidades que nos podem apoiar nesta tarefa tão difícil. A criação do Grupo Vita é já um passo nesse caminho. Com uma equipa de especialistas, que trabalha de forma independente, este grupo tem como missão acolher, escutar, acompanhar e prevenir as situações de violência sexual de crianças e adultos vulneráveis no contexto da Igreja Católica.

TEM UM LONGO E VASTO PERCURSO LIGADO À COMUNICAÇÃO. É INCLUSIVE PRESIDENTE DO CONSELHO DE GERÊNCIA DO GRUPO RENASCENÇA MULTIMÉDIA. QUE PAPEL TEM E QUER TER A IGREJA NO MUNDO DA COMUNICAÇÃO? É UMA FORMA DE CHEGAR AOS MAIS JOVENS?

A Comunicação é um aspeto fundamental na vida de qualquer comunidade. E, naturalmente, faz também parte integrante da vida da Igreja. Desde o Concílio Vaticano II que assim é, tal como a decisão de a Igreja ter um papel ativo, criando e man-

"As vítimas são a nossa principal preocupação e, desde logo, gritam para que a Igreja se torne um espaço de tolerância zero onde casos como estes nunca mais se repitam."

tendo órgãos próprios de Comunicação Social. Esta é uma forma de transmissão de uma mensagem própria, capaz de chegar a vários públicos, todos eles membros da Igreja: jovens, adultos, idosos.

COMO ESTÁ A RELAÇÃO DA IGREJA PORTUGUESA COM A JUVENTUDE? QUE PROJETOS DESTACA NESTA ÁREA?

A relação da Igreja portuguesa com os jovens está a conhecer, no percurso de construção de JMJ, uma nova fase, repleta de esperança e de redobrada energia. O percurso dos símbolos da JMJ, que já percorreu quase todas as dioceses do País, é o exemplo disso mesmo. Por toda a parte, as comunidades de

jovens organizaram-se para preparar o acolhimento destes símbolos e sou testemunha de uma surpreendente adesão e participação nas mais recônditas paróquias das dioceses portuguesas por onde a Cruz e o ícone de Nossa Senhora passaram. Estas são sementes do futuro da Igreja. E são estes jovens os futuros de uma Igreja que se quer mais forte e preparada para os desafios que cada nova época nos traz.

COMO PODEM CONTRIBUIR OS PORTUGUESES PARA QUE ESTE ENCONTRO DE FRATERNIDADE SEJA UMA EXPERIÊNCIA MARCANTE E DEIXE SEMENTES?

Podem contribuir de todas as maneiras e, cada qual, de acordo com as suas possibilidades e capacidades. O pouquinho que cada um dá fará o todo que precisamos, para tornar esta a melhor e maior JMJ de sempre. E essa contribuição pode ir de um donativo financeiro à presença em cada um dos eventos marcados. E pode passar também pelo trabalho voluntário, o acolhimento de peregrinos, a oração. Ou pelo simples acompanhamento deste Encontro único de jovens de todo o mundo com o Papa Francisco. E pela tolerância para o muito que vai mudar no dia a dia das nossas cidades – principalmente de Lisboa e dos concelhos vizinhos – aceitando isso como o reverso da moeda de ter o mundo inteiro à nossa porta. ■